

Denis Rodrigues da Silva, escrevendo para a Revista Toques D'Angola

Referências... Nossa mestra de capoeira angola convocava pra escrever pra esse número da revista e eu pensava no ensinamento que meu corpo e minha cabeça—apesar de não existir essa divisão—vem juntando nesse muito pouco tempo que tenho dentro da roda, nesse jogo que eu brinco ainda como iniciante. A maior parte do que aprendi jamais poderá ser colocado no papel, é pensamento que só acontece numa linguagem: a da dança na roda da capoeira. Outro tanto é lição que me dá muita gente que tenho encontrado na pequena e na grande roda do mundo e que, cada vez mais, me torna angoleiro; lição sobre fraternidade, beleza e enfrentamento. Muito disso veio pela voz de grandes mestres capoeiras e, às vezes, são frases que martelam na minha cabeça insistindo naquilo que ensinam e se fazendo verdadeiras a todo momento, sendo comprovadas sempre nos movimentos que a vida vai fazendo. Aquele vídeo *Pastinha- uma vida pela capoeira*, por exemplo, tem algumas dessas falas que não consigo esquecer*: o Mestre dizendo que, numa briga, o capoeira corre porque não quer matar. A capoeira é luta, “mandinga de escravo em ânsia de liberdade”, a sua maior força é a não agressão. Esse é um dos maiores legados de Pastinha. Nesse mesmo filme Mestre João Pequeno diz que bater é chegar o pé a meio palmo do camarada e não encostar. A capoeira de Angola é nobre demais pra se deixar tomar pela violência. Mestre Cobrinha Mansa repetiu numa oficina uma outra lição de João Pequeno: que a capoeira de antes era mais perigosa e menos violenta, e agora o contrário, ela mais violenta, vai ficando menos perigosa. E refletindo a gente vai ganhando fundamento na capoeira.

Um dos primeiros mestres que eu tive chance de ouvir foi Lua de Bobó, num encontro em Caraguatatuba, há dois anos. Seu olhar sereno mas firme já me deixou intrigado logo de cara. Ele nos falou de dois pilares da capoeira, a humildade e o respeito. A capoeira angola qualquer um pode jogar, menino, menina e mulher. Quem ajoelhou com você na frente do Gunga é digno de tolerância e tem que ser visto como um igual, um irmão. Claro que tem a mandinga, que tem atenção e ousadia: “e com humildade eu vou batendo em todo mundo”, brincou Mestre Lua. Nesse mesmo evento, Mestre Boca Rica, velho mas íntegro, emocionando quem via seu jogo sábio na roda, a lindeza do seu toque de berimbau, fez um desafio numa discussão: “Qual é o Grande Golpe da capoeira?”. Os mestres e outros que estavam na mesa ficaram um pouco constrangidos, um até arriscou que era o golpe mortal, e todos fizeram que não. Mestre Boca Rica respondeu: o Grande Golpe da capoeira é o contra-golpe. E eu entendi. Sempre eu penso nisso.

* Até porque, como muitos, já vi a fita várias vezes. O filme é um documentário biográfico do nosso Mestre Vicente Ferreira Pastinha lançado em 1999 e produzido por Antônio Carlos Muricy. O trabalho ganhou prêmios e foi distribuído em banca como parte da revista *Praticando capoeira*.

INSTITUTO NZINGA DE CAPOEIRA ANGOLA - INCAB

No disco *Encanto Banto num Recanto da Ilha*, da Associação Cultural de Capuêra Angola Escrava Anastácia, Ilha de Itaparica – BA, Mestre Gerson Quadrado diz assim: "Sou homem de roupa branca, como tô aqui, passo por den'da lama e não me sujo". E eu sei que é verdade. Aí me encho do orgulho de ser angoleiro, tradição guerreira de escravo que resiste, mandinga, ironia e altivez de quem não aceita opressão contra mim e contra meu povo. E maior é Deus!

A Janja é nossa referência da capoeira do cotidiano de treinos. Outros professores que tive, mesmo meus camaradas e até ingressantes do Grupo Nzinga ensinaram e me ensinam muita coisa. Mas quando a Janja conduz o treino ou assume o Gunga na nossa roda semanal, eu entendo a sabedoria que, além da constância e determinação, só o tempo na capoeira pode dar. É do nosso dia-a-dia de conversa e orientação que meu aprendizado se alimenta. É da convicção de que minha educação como angoleiro acontece com sagacidade e compreensão que cresce, cada vez mais, minha ânsia de aprender a capoeira, de construir o grupo com meus companheiros, de lutar junto nessa nossa barricada. Na ginga da vida, às vezes difícil, cair na negativa mas soltar meus rabos-de-arraia. lê!

Denis Rodrigues da Silva, 2004